



EDITORIAL REGEPE

v.9, n.2 (2020) Janeiro-Abril

**ESTÃO OS EMPREENDEDORES E AS PEQUENAS EMPRESAS PREPARADAS PARA AS
ADVERSIDADES CONTEXTUAIS? UMA REFLEXÃO À LUZ DA PANDEMIA DO COVID-19**

¹Vânia Maria Jorge Nassif

²Victor Silva Corrêa

³Dennys Eduardo Rossetto

Doi: <http://dx.doi.org/10.14211/regepe.v9i2.1880>

Prezados leitores,

Esse editorial é singular! O surto do novo coronavírus, iniciado em dezembro de 2019, na China, nos convoca a refletir sobre importantes temas, parte deles abarcados de maneira indireta nos artigos desta edição. O COVID-19, processo ainda em curso, vem desestabilizando diferentes contextos mundiais. Seus impactos, sendo parte deles ainda não mensurados, refletem na economia, na sociedade, na saúde, no comércio, nos serviços e, como não poderia ser diferente, nos empreendedores e em seus empreendimentos. A necessidade de buscarmos novas maneiras de fazer as coisas é premente e a palavra de ordem no momento pode ser a importante e necessária adaptabilidade, há muito praticada. Entretanto, os impactos derivados desta pandemia ampliam este conceito e vêm exigindo diferentes tipos de adaptabilidade em todas as áreas, como nos negócios, na educação, no desenvolvimento das pesquisas científicas, no modo como os consumidores se comportam, decidem e são forçados a se adaptar frente ao contexto atual. Ao sofrerem modificações nos padrões de consumo, faz-se necessário que as empresas e empreendedores pensem na modificação e adaptação de estratégias, de modo a buscar meios de atender às novas exigências

¹ Professora do Programa de Pós-graduação em Administração - PPGA (UNINOVE), São Paulo (Brasil). Editora chefe da Regepe. Email: editorialregep@gmail.com

² Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Paulista – UNIP, São Paulo (Brasil). Email: victorsilvacorrea@yahoo.com.br

³ Associated Professor of Global Innovation and Entrepreneurship, SKEMA Business School (Brazil, China, France, South Africa, USA), Université Côte d'Azur (GREDEG). Email: dennyseduardo.rossetto@skema.edu



do mercado. De certo modo, inovar é preciso, principalmente em ambientes de restrições de recursos, o que vêm se tornando uma realidade cada vez mais presente e necessária, muitas vezes, para manter o nível mínimo de operação com vistas à manutenção do negócio.

Contudo, a necessidade de adaptação ao presente contexto vem revelando argumentos que tornam visíveis os dilemas que se sustentam em duas vias principais: o achatamento da curva da doença ou o prolongamento da recessão global (Contractor, 2020).

De um lado, há a defesa da contenção da COVID-19 a todo custo, incluindo o estabelecimento de rígidas medidas de distanciamento social, parte delas implementadas pelos governos federal, estaduais e municipais em nível global. Na essência de iniciativas desta natureza, apresenta-se um princípio fundamental, que não poderia ser diferente, o da proteção da vida das populações. Pesquisas recentes divulgadas pela *Nature* (Viglione, 2020), conceituada revista científica, projetaram cálculos realizados pelo grupo de pesquisa do *Imperial College de Londres* e apontaram que tal impacto, em decorrência do alastramento epidêmico do COVID-19, poderia infectar até 90% da população mundial, resultando na morte potencial de, aproximadamente, 40,6 milhões de pessoas. Com a adoção das medidas recomendadas de distanciamento social para combater a expansão, os resultados são mais otimistas. Mesmo assim, o número de casos confirmados de COVID-19 em todo o mundo já ultrapassou 800.000 (31 de março, 2020), segundo estatísticas compiladas pelo Centro de Ciência e Engenharia de Sistemas da *Johns Hopkins University*, em Baltimore, Maryland (Inglesby, 2020). A pandemia do COVID-19 já abrange 178 países e todos os continentes e os índices de infectados e de mortalidade vêm apresentando dados crescentes, em projeções representadas por curva ascendente, que ultrapassa a marca dos 40 mil mortos. Assim, toda e qualquer iniciativa no sentido de proteger os cidadãos, incluindo aquelas eventualmente mais restritivas, como a promoção do distanciamento social hoje em curso, vem sendo implementadas.

Do outro lado, surgem crescentes preocupações, sobretudo em países emergentes e com economia fragilizada, cujo intuito é o de salva-la do colapso iminente. Medidas como o distanciamento social horizontal de toda a população preocupam e intensificam o debate acerca das alternativas existentes para avaliar o



impacto, seja econômico ou na saúde pública. Nesta direção, surgem temas de grande relevância, para os quais acreditamos ser necessária uma apropriada discussão, sobretudo para abrir investigação que traga maior compreensão acerca da extensão e gravidade do atual cenário econômico, sua real relevância, seus impactos nos mercados, nas atividades empreendedoras, dentre outros temas que nos inquietam e que destacamos aqui.

Acompanhando as manifestações dos diferentes setores da indústria, comércio e de empresas de serviços, cada uma com suas especificidades, salientamos a importância de considerar os impactos do COVID-19, em toda sua extensão, nos empreendimentos e seus empreendedores, sobretudo nas micro e pequenas empresas (MPEs). Tal esforço se mostra fundamental. De fato, 98,5% dos aproximadamente cinco milhões de estabelecimentos no Brasil são compostos por micro e pequenas empresas (MPEs), mais suscetíveis às oscilações do mercado e à conjuntura econômica fragilizada, expondo-as a situações de risco. Atualmente, essas empresas respondem por, aproximadamente, 54% dos empregos formais gerados e por 27% de todo o PIB nacional (SEBRAE, 2018), elevando-se ainda mais o potencial impacto negativo na atividade econômica do país como um todo.

Além disso, diferentes estudos vêm enfatizando, nos últimos anos, a importância dos pequenos empreendimentos no desenvolvimento social, na redução da pobreza e no crescimento econômico (Kim & Kang, 2014; Ribeiro-Soriano, 2017; Si, Ahlstrom, Wei, & Cullen, 2020; Urbano & Aparicio, 2016). “Desde a década de 1980, empreendedores e donos de pequenos negócios têm recebido maior reconhecimento como impulsionadores do crescimento econômico” (Ribeiro-Soriano, 2017, p. 1).

Em um recente editorial do *journal Entrepreneurship & Regional Development*, por exemplo, os autores salientam como o empreendedorismo vem sendo cada vez mais reconhecido e significativo para o desenvolvimento econômico e para a solução da pobreza em todo mundo. Aponta-se também como o papel do empreendedorismo “se tornou tópico cada vez mais importante na gestão” (Si et al., 2020, p. 1- 3) e como a teoria e a prática devem direcionar os pesquisadores para observar e explicar as adversidades em tempo real (Thompson, Verduijn, & Gartner, 2020).



Embora pandemias sejam, obviamente, diferentes umas das outras, olhar para o passado recente e buscar na tessitura da história evidências de situações semelhantes talvez possa nos ajudar a refletir sobre o momento atual. Não é a primeira vez que o mundo passa por epidemias e/ou pandemias que impactaram, no passado, a economia e os empreendimentos, em extensão semelhante à demonstrada pelo novo coronavírus no cenário atual. Registros históricos indicam que, desde o século XVI, o mundo enfrentou, ao menos, três pandemias provocadas pelo vírus influenza, com intervalos de cem anos ([Barifouse, 2020](#)). A gripe asiática de 1957 (H2N2), por exemplo, causou mais de 1,1 milhão de mortes, e sob o ponto de vista econômico, impactou na queda de três pontos percentuais no PIB do Reino Unido, Canadá, Japão e EUA. A SARS, Síndrome Respiratória Aguda Grave, iniciada na China em 2002, por sua vez, infectou 8 mil pessoas, matando, aproximadamente, 780 delas em 17 países ([CDCP, 2020](#)).

Economistas estimam que a doença, que foi controlada quatro meses após sua eclosão, gerou impacto econômico de cerca de US\$ 40 bilhões entre 2002 e 2020, o que correspondeu a 0,5% do PIB mundial. Já a Gripe Suína, eclodida no México e declarada pela OMS como pandemia em abril de 2009, espalhou-se para mais de 75 países em apenas três meses. Estudos realizados pelo Centro de Prevenção e Controle de doenças dos Estados Unidos estimam que 700 milhões a 1,4 bilhão de pessoas foram infectadas, causando entre 150 e 545 mil mortes no primeiro ano do vírus em todo o mundo ([CDCP, 2020](#)). Na economia, estima-se que a pandemia tenha custado, aproximadamente, 85 bilhões de reais ([Tempo, 2020](#)).

Em todas as pandemias, destacou-se o papel comum dos governos e sua importância nas iniciativas para minimizar o impacto das ocorrências não apenas na saúde pública, implementando ações que visaram diminuir sua incidência e disseminação, como no contexto dos negócios, buscando proteger o segmento produtivo de modo geral. Em 2009, para citar apenas a mais recente delas, sob o ponto de vista sanitário, o Brasil implantou uma série de medidas, como a criação de um sistema de barreira de *Influenza* em todos os aeroportos e nas capitais brasileiras, intensificou a campanha de vacinação contra gripe, ampliou os grupos prioritários para vacina etc. No campo econômico, as ações visaram proteger, sobretudo, a agroindústria nacional. Foram liberados créditos junto ao BNDES e outros órgãos de fomentos para recomposição do capital de giro, além da criação de



convênios para fortalecimento das atividades econômicas das regiões mais afetadas pela epidemia (Temporão, 2010).

No atual contexto pandêmico de COVID-19, ações são entendidas como necessárias para redução do impacto econômico e social no país. Neste sentido, entendemos que refletir sobre os fatores e a importância de medidas que contribuam para a sobrevivência de pequenas e médias empresas, sobretudo em momentos de crise e maior suscetibilidade à mortalidade, apresenta relevância que ultrapassa a natureza idiossincrática dos próprios negócios. Alcançar impactos econômicos e sociais derivados de sua atuação direta e indireta suscita a relevância de questionamentos, ainda hoje sem respostas: o que os empreendedores podem fazer para se manterem ativos no mercado? Como os empreendedores deveriam se comportar em momentos de crise? O que fazer para proteger as empresas, os empreendedores e colaboradores? Como atenuar, no mercado, os impactos derivados de pandemias, a exemplo da gerada pelo COVID-19?

Respostas a estas perguntas não são simples nem únicas. Entretanto, apresentamos aqui algumas inquietações que pretendem despertar o interesse para o desenvolvimento de novas pesquisas e estudos que auxiliem essas investigações. Assim, sugerimos a busca de respostas que, sob a perspectiva dos empreendedores e pequenas empresas, contribuam para a compreensão e a geração de soluções, estratégias, aplicações gerenciais, sociais, ambientais, ou ainda, que contribuam para a geração de políticas públicas que amparem este público em momentos extremos como o que estamos vivenciando hoje.

Ressaltamos ainda que a REGEPE espera que pesquisadores, a exemplo dos autores que compuseram os artigos desta edição, apresentem estudos densos e com o rigor científico e metodológico esperado, sobre a importância das atividades empreendedoras no país, robustecendo a literatura ainda hoje em desenvolvimento. Mais ainda, chamamos a atenção para a importância do desenvolvimento de estudos que enfatizem os fatores que permitam a sustentação de empreendedores e dos pequenos e médios negócios em condições de incerteza e em ambientes de restrições de recursos. Proposições nestas direções poderiam contribuir, sob o ponto de vista teórico e empírico, para a sustentação não apenas de tais empreendimentos como do próprio desenvolvimento socioeconômico do país. Em essência, as reflexões aqui apresentadas nos sugerem que o dilema entre conter a todo custo o



COVID-19 ou salvar a economia e os empreendimentos nela imersa, talvez seja uma dificuldade a ser de questionada com a apresentação de novas alternativas às disponíveis atualmente. Da disputa de argumentos entre as duas lógicas institucionais, fica, para nós, a sensação de ambas serem fundamentais, complementares e relacionadas entre si.

Não por acaso, neste número, essas reflexões chamam a atenção dos leitores sobre a importância econômica e social das PMEs no Brasil. Embora sem as especificidades da atual pandemia proveniente do COVID-19, esta edição traz importantes ponderações sobre o contexto global, além de situações adversas ao empreendedorismo. Essas ponderações podem, sobretudo, auxiliar empresas e empreendedores no desenvolvimento de suas atividades atuais e futuras.

Sob a perspectiva do **empreendedorismo em situações extremas**, este número contribui com dois artigos. O artigo intitulado “Competências Empreendedoras: Construção de uma Escala de Avaliação”, de Luciana Padovez Cualheta, Gardenia Abbad, Cristiane Faiad e Candido Borges Junior (Cualheta, Abbad, Faiad, & Borges Junior, 2020), apresenta o processo de elaboração e validação de uma escala que avalia as competências empreendedoras desenvolvidas em disciplinas de graduação de empreendedorismo, por meio de grupos focais, validação por juízes, validação semântica e validação empírica com 182 respondentes. A escala validada apresenta 36 itens, divididos em cinco fatores, que contemplam competências para a elaboração do modelo de negócios, para vender e assumir riscos, para identificação de oportunidades e para aceitar erros e competências do trabalho em equipe. Os autores advertem que avaliar o ensino do empreendedorismo atende às demandas dos diversos *stakeholders*, além de identificar quais competências são valorizadas e úteis para o mercado de trabalho. Embora o contexto deste artigo reflita resultados advindos de alunos de graduação, inferimos que estes alunos serão os empreendedores do futuro e que terão que se preparar para a liderança em um contexto adverso, que exigirá, assim, competências empreendedoras para lidar com criatividade em momentos críticos, visando a sustentabilidade e a sobrevivência dos negócios.

O outro artigo que envolve o empreendedorismo em situações extremas apresenta reflexões sobre o processo de incubação, ao auxiliar o desenvolvimento das capacidades adaptativas, absorptivas e inovativas (Borges & Bueno, 2020). Os



autores Marcílio Ribeiro Borges e Janaína Maria Bueno trazem casos múltiplos de empresas incubadas na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, e afirmam que, para as microempresas, a posse de informações, estratégias, tecnologias e recursos não contribui, necessariamente, para a geração de vantagem competitiva. Essa vantagem ocorreria, principalmente, quando as empresas estão incubadas. Esse estudo contou com a participação de três incubadoras da região e 23 de suas empresas incubadas.

No que se refere às forças do ambiente externo e que envolvem a tecnologia e o empreendedorismo, não obstante, é fundamental refletir sobre o impacto que **eventos imprevisíveis e inesperados ocasionam na economia e no empreendedorismo**. Nesta direção, dois artigos contribuem para a compreensão do impacto dos investimentos em tecnologia nas variáveis estratégicas e organizacionais, além de apresentar situações acerca das funcionalidades da tecnologia da informação e da comunicação. O artigo desenvolvido por Samuel Maffacioli Basso, Antônio Carlos Gastaud Maçada, Aline de Vargas Pinto e Guilherme Lerch Lunardi (Basso, Maçada, Pinto, & Lunardi, 2020), intitulado, “Impacto dos Investimentos em Tecnologia da Informação nas Variáveis Estratégicas Organizacionais e no Desempenho de Micro e Pequenas Empresas (MPEs)”, buscou medir o impacto dos investimentos em Tecnologia da Informação (TI) nas variáveis estratégicas organizacionais e no desempenho das micro e pequenas empresas (MPEs). Os autores realizaram uma pesquisa quantitativa e explanatória, por meio da aplicação de uma *survey* com 235 MPEs e ressaltam que o aumento dos investimentos em Tecnologia da Informação levou um número crescente de empresas a adotarem a TI como ferramenta estratégica para melhorarem seu desempenho para, assim, obterem vantagem competitiva.

Já o artigo que aborda a tecnologia da informação e comunicação, desenvolvido por Luisa Tondo Vendruscolo e Simone Vasconcelos Ribeiro Galina (Vendruscolo & Galina, 2020), contextualiza “A Internacionalização no Processo de Inovação das Startups Brasileiras de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC)”. As autoras pontuam que a relevância gerencial deste estudo é fundamentada no processo de inovação, como uma forma de as *startups* manterem a competitividade. Os resultados mostram que grandes aceleradoras exigem que



essas empresas realizem a internacionalização por investimento direto no país estrangeiro ao final do programa de aceleração.

Além disso, um tema relevante abordado neste número envereda para a **sustentabilidade e criatividade** em tempos de crise. São três artigos que ajudam a entender como as empresas lidaram com a crise em tempos de situações extremas, olhando para as oportunidades relacionadas às necessidades de participação, contribuição social, os desafios do empreendedorismo cultural, além da compreensão da importância dos indicadores como ponto de equilíbrio para a sustentabilidade dos negócios.

Assim, o artigo intitulado “Os antecedentes da orientação empreendedora em negócios sociais”, de Viviane Celina Carmona, Cristina Daí Pra Martens e Henrique Mello Rodrigues de Freitas, apresenta os antecedentes da Orientação Empreendedora em *Startups* de Negócios Sociais (Carmona, Daí Pra Martens, & Mello Rodrigues de Freitas, 2020). Os autores identificaram que os antecedentes, tais como missão social, oportunidades, acesso a capital e *stakeholders* evidenciam que as oportunidades estão relacionadas às necessidades de participação e de contribuição social por parte dos fundadores, sendo esta última o principal antecedente, por contribuir para a qualidade de vida da população em geral.

Os autores Janaína Martins dos Reis e Luciano Pereira Zille pesquisam sobre o empreendedorismo cultural e economia criativa (Reis & Zille, 2020), por meio da experiência da companhia de teatro “grupo galpão”, sediado na cidade de Belo Horizonte/MG. No artigo, os autores explicam que os principais desafios se concentram na dificuldade de planejar eventos e gerar receita, havendo a necessidade de contar com a contribuição do Centro Cultural e com a Lei Rouanet.

Encerrando essas reflexões, trazemos o artigo de Andrezza Aparecida Saraiva Piekas, Carlos Eduardo Carvalho, Hilka Pelizza Vier Machado e Eduardo Kunzel Teixeira, que analisam a relação entre indicadores de sustentabilidade e a criação de empresas (Piekas, Carvalho, Machado, & Teixeira, 2020). Os autores questionam se essas variáveis favorecem ou não a criação de empresas nos municípios catarinenses. No estudo, os autores concluem que o Índice de Desenvolvimento Municipal Sustentável (IDMS) influenciou o número de empresas



criadas e que as dimensões socioculturais e ambientais foram aquelas que exerceram maior impacto.

Não obstante a importância dos artigos desta edição, a REGEPE traz, oportunamente neste número, um relato tecnológico que aborda uma experiência sobre o “Empreendedorismo em um Segmento da Saúde”, desenvolvido na clínica QueroQuiro, especializada em quiropraxia (Almeida Neto & Marcondes, 2020). Seus autores, Maurício de Almeida Neto e Reynaldo Cavalheiro Marcondes, pontuam que o desenvolvimento de um empreendimento bem-sucedido se fundamenta em uma metodologia com fundamentação científica que permita a replicação e que tenha validade por tratar com a realidade.

Destacamos ainda a contribuição de Luiza Moreira Arantes de Castro, por nos brindar com a resenha da obra de Emmendoerfer, M. L. (2019), “Inovação e empreendedorismo no setor público”. No texto, a autora aponta a necessidade da busca de estímulos para geração de mudanças no modo de fazer no serviço público e o empreendedorismo como um processo de introdução de inovação nas organizações e nas políticas públicas (de Castro, 2020).

Não restam dúvidas acerca da importância das atividades empreendedoras para a economia, seja local ou global. O papel desempenhado pelos empreendedores, empresários, colaboradores, tomadores de decisão e formuladores de políticas públicas, bem como suas capacidades de analisar, adaptar-se e antever situações complexas, tornam-se ímpares e altamente desejáveis. Eventos inesperados e incontroláveis sempre serão uma ameaça às atividades econômicas e empreendedoras em qualquer mercado. Contudo, o atual contexto nos faz refletir sobre a importância fundamental que atividades como o monitoramento constante do ambiente, planejamento, capacidade e velocidade de adaptação, criatividade e inovatividade constituem-se em capacidades, habilidades e competências desejáveis e esperadas em dias futuros. Cada um dos artigos publicados nesta edição contribui como um tijolo na construção de uma parede de conhecimento. Assim, esperamos que uma leitura cuidadosa dos trabalhos que apresentamos aqui possa, de alguma forma, contribuir para a formação das competências cada vez mais essenciais para um futuro cada vez mais empreendedor.



Referências

Almeida Neto, M. d., & Marcondes, R. C. (2020). QueroQuero: Empreendedorismo em Um Segmento da Saúde. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(2), 27. doi:10.14211/regepe.v9i2.1689

Barifouse, R. (2020). Como o Brasil foi afetado pela pandemia de H1N1, a 1ª do século 21? *News Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52042879>

Barría, C. (2020). Coronavírus: o que as grandes economias do mundo estão fazendo para evitar falências e a falta de dinheiro. *News Mundo*. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51983863>

Basso, S. M., Maçada, A. C. G., Pinto, A. d. V., & Lunardi, G. L. (2020). Impacto dos Investimentos em Tecnologia da Informação nas Variáveis Estratégicas Organizacionais e no Desempenho de Micro e Pequenas Empresas (MPEs). *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(2), 1-35. doi:10.14211/regepe.v9i2.1293

Borges, M. R., & Bueno, J. M. (2020). O Processo de Incubação Auxilia no Desenvolvimento das Capacidades Adaptativa, Absortiva e Inovativa? Estudos de Casos Múltiplos na Região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(2), 35. doi:10.14211/regepe.v9i2.1309

Carmona, V. C., Daí Pra Martens, C., & Mello Rodrigues de Freitas, H. (2020). Os Antecedentes da Orientação Empreendedora em Negócios Sociais. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(2), 26. doi:10.14211/regepe.v9i2.1411

CDCP. (2020). *Coronavirus Disease 2020*. Retrieved from Atlanta, GA: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/index.html>

Contractor, F. J. (2020). The Excruciating Choice: "Flattening the Curve" and Prolonging the Global Recession. Retrieved from <https://globalbusiness.blog/2020/03/20/the-excruciating-choice-flattening-the-curve-and-prolonging-the-global-recession/>



Cualheta, L. P., Abbad, G., Faiad, C., & Borges Junior, C. (2020). Competências Empreendedoras: Construção de uma Escala de Avaliação. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(2), 23. doi:10.14211/regepe.v9i2.1621

de Castro, L. M. A. (2020). Inovação e Empreendedorismo no Setor Público. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(2), 4. doi:10.14211/regepe.v9i2.1727

Inglesby, T. (Producer). (2020). Coronavirus: No, we aren't even close to ready to ease up on social distancing. *Coronavirus Resource Center*.

Kim, B.-Y., & Kang, Y. (2014). Social capital and entrepreneurial activity: A pseudo-panel approach. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 97, 47-60. doi:<https://doi.org/10.1016/j.jebo.2013.10.003>

Piekas, A. A. S., Carvalho, C. E., Machado, H. P. V., & Teixeira, E. K. (2020). Indicadores e Sustentabilidade Favorecem a Criação de Empresas? *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(2), 25. doi:10.14211/regepe.v9i2.1670

Reis, J. M. d., & Zille, L. P. (2020). Empreendedorismo Cultural e Economia Criativa: A Companhia de Teatro “Grupo Galpão”. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(2), 26. doi:10.14211/regepe.v9i2.1576

Ribeiro-Soriano, D. (2017). Small business and entrepreneurship: their role in economic and social development. *Entrepreneurship & Regional Development*, 29(1-2), 1-3. doi:10.1080/08985626.2016.1255438

SEBRAE. (2018). *Panorama dos pequenos negócios 2018*. Retrieved from São Paulo, SP: [https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/SP/Pesquisas/Panorama dos Pequenos Negocios 2018 AF.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/SP/Pesquisas/Panorama%20dos%20Pequenos%20Negocios%202018_AF.pdf)

Si, S., Ahlstrom, D., Wei, J., & Cullen, J. (2020). Business, Entrepreneurship and Innovation Toward Poverty Reduction. *Entrepreneurship & Regional Development*, 32(1-2), 1-20. doi:10.1080/08985626.2019.1640485

Tempo, O. (2020). Coronavírus já é a epidemia mais cara dos últimos 20 anos, diz estudo. *Impacto*. Retrieved from O Tempo website:



<https://www.otempo.com.br/mundo/coronavirus-ja-e-a-epidemia-mais-cara-dos-ultimos-20-anos-diz-estudo-1.2293046>

Temporão, J. G. (2010). *Plano Brasileiro de Preparação para o Enfrentamento de uma Pandemia de Influenza*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Governo Federal Retrieved from http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_brasileiro_pandemia_influenza_IV.pdf

Thompson, N. A., Verduijn, K., & Gartner, W. B. (2020). Entrepreneurship-as-practice: grounding contemporary theories of practice into entrepreneurship studies. *Entrepreneurship & Regional Development*, 32(3-4), 247-256. doi:10.1080/08985626.2019.1641978

Urbano, D., & Aparicio, S. (2016). Entrepreneurship capital types and economic growth: International evidence. *Technological Forecasting and Social Change*, 102, 34-44. doi:<https://doi.org/10.1016/j.techfore.2015.02.018>

Vendruscolo, L. T., & Galina, S. V. R. (2020). A Internacionalização no Processo de Inovação das Startups Brasileiras de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(2), 35. doi:10.14211/regepe.v9i2.1577

Viglione, G. (2020). Tens of thousands of scientists are redeploying to fight coronavirus. *Nature*. <https://www.nature.com/articles/d41586-020-00905-9> doi:10.1038/d41586-020-00905-9